

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto  
Estudos Interculturais | Clara Sarmiento



# RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA DESCOBERTA DO HAVAI PELO IMPÉRIO BRITÂNICO

Pedro Vieira 2140636

# Índice

Introdução -----	3
Intervenientes -----	4
o James Cook -----	4
o Kamehameha -----	5
Guerreiros Koa -----	6
Contextualização -----	8
Essencialismo e Religião -----	13
Representação -----	15
Interculturalidade -----	16
Tradução na Comunicação Intercultural -----	17
Aculturação -----	18
Conclusão -----	19
Bibliografia -----	20

# Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Estudos Interculturais (EI), do terceiro ano da licenciatura em Assessoria e Tradução do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Com este pretendo documentar a análise feita ao acontecimento histórico da descoberta do Havai por parte do Capitão James Cook, ao serviço do império britânico, e também relacionar as ocorrências com os conteúdos lecionados na unidade curricular.

Este foi o tema escolhido, pois penso ser uma história fascinante e uma das poucas, dentro do campo de acontecimentos reais, que tem um fim inesperado. Para além disso, é um período pouco conhecido na história do império britânico, pelo que com este trabalho, tenho a intenção, não só de aprender, mas também de informar os meus colegas que possam não conhecer o tema. A última razão para a minha escolha foi a ideia que tenho de que este encontro intercultural apresentou diversos exemplos práticos da matéria contida na disciplina de EI.

Para a execução desta análise usei como material base o oitavo episódio da primeira temporada da série documental “*Ancient Black Ops*”, que têm como foco principal as diversas forças de combate de elite do passado distante. Utilizei também, como material de apoio secundário, o documentário “*Conquest of Hawaii*” que se foca mais na perspetiva de Kamehameha, aquando da unificação das ilhas do Havai.

# Intervenientes

Nesta primeira fase, vou começar por apresentar as duas partes deste encontro intercultural. Num dos lados está o Capitão James Cook, famoso explorador ao serviço do império britânico, no terceiro ano de uma viagem com o objetivo de descobrir a Passagem do Noroeste, via marítima que interliga os oceanos Atlântico e Pacífico, que na altura se acreditava existir a norte do continente americano. No outro lado, a representar a classe guerreira do Havai, está Kamehameha, um chefe guerreiro *Koa* que viria, no futuro, a unificar as ilhas do atual arquipélago do Havai. Desta forma é possível perceber melhor

- **James Cook** (7 de novembro de 1728 - 14 de fevereiro de 1779)

James Cook sempre sentiu uma forte atração pelo mar, fazendo com que estudasse náutica, matemática e astronomia. Em 1755, ingressou como voluntário na marinha real, completando a sua formação científica ao participar em várias operações navais em águas do Canadá.

A partir de 1763, Cook recebeu várias missões importantes e foi reconhecido como navegador e matemático. Nessa altura, o governo britânico encarregou-o de realizar 3 viagens de circum-navegação.

Das suas viagens trouxe desenhos e espécimes de seres vivos (humanos, botânicos e zoológicos) que contribuíram para o desenvolvimento da ciência na era da razão e estimularam as sensibilidades na era do romantismo. Cook também liderou a enorme exploração científica do Pacífico, realizada por expedições de França, Espanha e Rússia no fim do século XVIII e começo do século XIX. Essas viagens fizeram os habitantes do continente europeu aperceberem-se, como nunca antes, das dimensões e da diversidade daquele oceano. A partir de então, tornou-se possível vê-lo como uma unidade geográfica, ainda que só se pudesse tornar numa zona económica depois do aparecimento do navio a vapor, o que facilitou as viagens de grande duração.

Cook ficou conhecido pela preocupação com a saúde e alimentação da sua tripulação. Na sua primeira viagem nenhum membro da tripulação morre de escorbuto, doença causada pela falta de ácido ascórbico no organismo e responsável pela morte de grande parte dos marinheiros até ao século XVIII. Ele é considerado o pai da Oceânia.

*“Ambition leads me not only farther than any other man has been before me, but as far as I think it possible for man to go.”* – James Cook, diário de bordo.

- **Kamehameha** (c. julho de 1758 – 8 de maio de 1819)

Kamehameha I, também conhecido como Kamehameha, o Grande, conquistou as Ilhas Havaianas e estabeleceu formalmente o Reino do Havai em 1810. Desenvolvendo alianças com as maiores potências coloniais do Pacífico, Kamehameha manteve a independência do Havai sob seu comando. Nasceu em 1758, não se sabendo ao certo o mês, em Kohala do Norte. Segundo a lenda, o seu nascimento foi acompanhado de tempestades e luzes estranhas (provavelmente fruto do cometa que surgiu por volta daquela época), sinais de um grande chefe.

Devido a estes sinais e a várias rivalidades com clãs guerreiros, Kamehameha foi escondido durante parte da sua infância, crescendo em Waipio, e retornando a Kailua aos cinco anos de idade. Lá, ele viveu com o seu pai, e, após a morte deste, foi treinado pelo tio, o rei Kalani'opu'u. Conseguiu realizar a unificação do arquipélago apenas em 1810, após várias batalhas onde foram introduzidas armas de fogo e canhões, nunca antes utilizadas nas guerras no Havai.

## Guerreiros Koa

Os *Koa* havaianos eram guerreiros de elite numa terra dominada pela guerra. Durante séculos, as mais altas patentes das cinco principais ilhas havaianas - Kauai, Oahu, Molokai, Maui e da ilha maior, Havai, lutaram para dominar os seus vizinhos mais próximos. À frente das tropas, encontravam-se as fileiras dos Guerreiros *Koa* que, apesar de serem primitivos, eram ao mesmo tempo incrivelmente avançados.

Eles desenvolveram uma grande variedade de táticas de batalha e de armas verdadeiramente únicas, que eram tanto efetivas como devastadoras. Tinham uma capacidade de invenção incrível, transformando madeira tropical em vários tipos de lanças, facas e maças de guerra. Eram ainda bastante engenhosos, usando o focinho de peixes-espada como facas e dentes de tubarão em armas cortantes. Os antigos havaianos também teciam físgas e usavam pedras e densas rochas vulcânicas como munição de alta velocidade. Algumas das armas mais interessantes desenvolvidas pelos havaianos daquela época são armadilhas e cordas de estrangulamento.

Estes guerreiros eram os grandes mestres de uma arte marcial letal chamada *Lua*, uma arte de combate corpo-a-corpo que se focava em partir todos os ossos do corpo de um inimigo, pontapés, socos, *wrestling*, ataques a pontos de pressão e estrangulamento. Para defesa pessoal, os *Koa* cobriam o seu corpo com óleo, dificultando as tentativas dos inimigos de os agarrar. Os guerreiros com cargos mais altos usavam capas protetoras com tecido e camadas de penas. Estas capas eram muito coloridas, sendo que existia até, toda uma indústria centrada em coletar penas para elas. As capas eram usadas como escudos e também para fazer os oponentes caírem, antes de os matar. Usavam ainda capacetes que, dependendo do escalão, tinham penas com cores mais ou menos garridas.

Uma característica que diferenciava os *Koa* da maioria dos guerreiros era o seu conceito de energia espiritual, ou *mana*, esta crença era única às culturas do pacífico. O *mana* podia ser herdado ou ganho através de grandes feitos, principalmente as vitórias em batalha. Esta energia tinha mais valor quando ganha ao invés de herdada, e um guerreiro que demonstrasse grandes habilidades em batalha era tratado com mais respeito e a sua voz carregava mais autoridade. Para além disso, o estatuto da sua família seria elevado eternamente, dando aos seus filhos um maior nível de *mana* à nascença. O contrário também acontecia, fugir da batalha ou ser capturado resultava numa perda de *mana*, colocando o guerreiro na classe *Kauwa* (intocável).

O nome destes guerreiros veio da árvore de folha caduca que servia de matéria-prima para fazerem muitas das armas de combate corpo a corpo, já que não havia

ferro no Havai, mas estas forças especiais da Idade da Pedra acabariam inevitavelmente por ter contacto com as armas do mundo industrializado.

## Contextualização

O famoso explorador inglês James Cook parte de Inglaterra em 1776, como Capitão do *H.M.S Resolution* e do *Discovery*. A 18 de janeiro de 1778, torna-se no primeiro europeu a descobrir as ilhas do Havai quando passa a ilha de Oahu. Dois dias depois, ele desembarca na ilha de Kauai e nomeia o arquipélago de *Sandwich Islands*, em honra de um dos seus patronos, John Montague, o Conde de Sandwich, uma cidade inglesa.

Não podemos ter a certeza que nunca antes nenhum europeu tinha visitado a ilha, mas Cook foi, de facto, o primeiro a documentar a visita e também a fornecer as coordenadas da mesma, tornando-se assim esta descoberta, a primeira oficial.

Cook e a sua tripulação foram muito bem-recebidos pelos nativos, que estavam fascinados pelos navios dos europeus e por todo o ferro que possuíam. O explorador inglês abastecia o seu navio de provisões efetuando trocas comerciais, usando praticamente apenas o ferro como moeda de troca, enquanto os restantes marinheiros trocavam o precioso metal por sexo com as mulheres nativas.

Mais tarde, os navios fizeram uma breve paragem em Ni'ihau antes de partirem para Norte, em busca da Passagem do Noroeste. Quase um ano mais tarde, os dois navios de Cook retornaram às ilhas havaianas e encontraram um porto de abrigo na baía de Kealakekua, na ilha do Havai.

Suspeita-se que os havaianos tenham dado uma significância religiosa à primeira visita dos europeus ao arquipélago. Na segunda visita de Cook, não há qualquer dúvida acerca deste fenómeno.

Quando James Cook se aproximava da ilha, notou que várias canoas se aproximavam, a uma grande velocidade, dos seus navios. Os nativos não queriam lutar, mas sim trazer oferendas ao capitão. Na verdade, a população do Havai estava, naquela altura, a celebrar o *Makahiki*, um festival realizado em honra ao Deus Lono, o deus da paz. Esta foi uma boa altura para os europeus terem chegado à ilha pois, durante as celebrações do *Makahiki*, esta sociedade que normalmente é dominada pelo conflito armado, está estritamente proibida de lutar.

A sorte de Cook não acaba aqui, o Deus Lono era retratado como tendo pele clara e a religião dizia que Lono voltaria em ilhas flutuantes. Para além disso, o explorador britânico chegou à ilha através da baía de Kealakekua que se traduz para “Caminho dos Deuses”. Todas estas circunstâncias levaram os nativos a acreditar que Cook era, de facto, o Deus Lono que havia retornado.



Num primeiro encontro entre Kamehameha e Cook, estes observaram e analisaram-se entre si, mutuamente, e também às forças de combate um do outro. Aqui, as opiniões um do outro divergem bastante. Kamehameha via o explorador europeu com cautela, pensando se este e os restantes forasteiros representavam alguma ameaça para o seu Rei, para o seu povo e para o seu *mana*. Cook, pelo contrário, escreve no seu diário de bordo apenas “Kamehameha, a savage looking face as i ever saw”, não considerando, de todo, os guerreiros uma ameaça para a sua forma de vida, não tinha razões para isso, pois estes jovens guerreiros, nada podiam fazer contra as armas de fogo ocidentais.

Cook e a sua tripulação foram tratadas como deuses e, durante toda a sua estadia, exploraram a boa vontade dos havaianos. À semelhança da sua visita à ilha de Kauai, Cook usou também, no Havai, o ferro como a sua “moeda de troca” para adquirir todas as provisões de que precisava, efetuando trocas comerciais que hoje poderíamos ver como totalmente injustas.

A maioria das trocas comerciais efetuadas eram mesmo muito desequilibradas, como por exemplo, trinta porcos por um prego. Os próprios marinheiros, nos seus diários de bordo, admitiam estarem a aproveitar-se dos havaianos. Os nativos aceitavam estas trocas, em primeiro lugar, porque acreditavam que estavam a trocar com o seu Deus Lono e, em segundo lugar, porque, não tendo ferro no seu estado natural, a única maneira que eles tinham para adquirir ferro era através de destroços dos navios que naufragassem perto da ilha e que fossem parar à costa.

No meio de todas estas trocas comerciais, havia uma classe social que não podia participar nas mesmas, os guerreiros *Koa*. O império britânico não precisava dos serviços de guerreiros, e estes não tinham a possibilidade que as mulheres nativas tinham para adquirir ferro. Os *Koa* estavam assim a ver o seu prestígio dentro da sua própria sociedade a diminuir e com ele, o seu *mana*.

Devido ao clima de ansiedade que se vivia por parte dos guerreiros, graças à perda de estatuto, eles decidem fazer uma mostra de força, por meio de combates entre eles, na praia, para os ingleses assistirem. Estes combates não eram proibidos pelo *Makahiki* pois eram considerados apenas como um desporto, mas eram tudo menos pacíficos, sendo que várias vezes, acabavam por ser fatais para alguns dos participantes. Por estas razões, e também porque achavam que o seu povo estava a ser explorado pelos ingleses, os *Koa* decidem roubar alguns pertences dos marinheiros. Esta atitude foi vista como mesquinha e insolente pelos britânicos, mas Cook não repara (ou não se importa) na instabilidade crescente nas relações com os guerreiros de elite do Havai (Porque razão deveria de se importar quando os guerreiros nada poderiam fazer contra o seu poder de fogo?).

Após 16 dias no Havai, no dia 4 de fevereiro de 1779, Cook e a sua tripulação partem rumo ao objetivo principal da sua viagem, a descoberta da Passagem do Noroeste,

que se acreditava estar localizada nas águas gélidas a Norte do continente americano.

Depois de alguns dias no mar, os marinheiros enfrentam uma forte tempestade que atravessam durante 3 dias, até que o mastro principal do *H.M.S. Resolution* fica danificado, obrigando-os a regressar ao Havai, após apenas uma semana no mar.

Ao voltarem, os britânicos esperavam a mesma recepção com os nativos felizes, entusiásticos, positivos e amigáveis que tiveram na visita anterior, mas isso não acontece, muito pelo contrário. Os ingleses são agora tratados com desconfiança e a razão para isso é que, segundo a religião dos povos nativos do Havai, o segundo regresso de Lono simplesmente não devia de acontecer.

O que Cook e a sua tripulação não sabem é que, na sua visita anterior, os havaianos estavam numa época de celebração de um evento religioso em que a luta estava proibida, e que agora essa época havia terminado. As ilhas estavam a voltar ao habitual clima de guerra e os guerreiros podiam agora verem-se livres dos *taboos* religiosos associados à celebração do Deus da paz.

Kamehameha vê agora uma maneira óbvia de recuperar o estatuto perdido, bem como o seu tão importante *mana*, derrotar o homem culpado de os humilhar e questionar a sua autoridade. Os *Koa*, ao analisarem os marinheiros ingleses, não acreditam que estes sejam guerreiros, devido à sua aparência e ao seu físico demasiado frágil. Eles decidem testar os marinheiros, roubando-lhes vários pertences, e vão roubando de cada vez, itens mais importantes para Cook, tanto para a sua missão como para a segurança dos seus homens.

A tensão atinge um novo ponto alto quando são roubados um cinzel e pinças de ferreiro, nesta altura Cook decide agir. O explorador inglês decide responder às provocações dando uma lição de “justiça à moda britânica” aos *Koa*. Para isso dá a ordem para serem dadas quarenta chicotadas ao ladrão apanhado a roubar as ferramentas do ferreiro. Estas chicotadas foram dadas a bordo do navio, de modo a que os restantes guerreiros pudessem assistir ao castigo desde a praia.

A paz que já nesta altura estava perturbada, fica agora em sério risco de se extinguir, já que até os chefes viram esta atitude como uma séria afronta. Os guerreiros de elite querem agora vingança por esta humilhante perda de *mana*, para isso, um deles entra no barco sem ser descoberto e rouba as mesmas ferramentas, uma segunda vez e consegue escapar.

Agora é a vez de Cook sofrer uma humilhação, ele reúne um grupo de homens e sai em perseguição do ladrão que os ridiculariza, correndo à frente deles, mantendo-se apenas a uma distância suficiente para não ser capturado. Os ingleses não têm maneira de conseguir apanhar um jovem guerreiro *Koa* em forma.

Toda esta situação é apenas um jogo para o havaiano, e o seu objetivo era somente

provocar uma resposta. O roubo não era pelos bens em si, mas sim pelo desafio à autoridade e ao orgulho dos europeus.

Para Kamehameha e os seus guerreiros, isto não é suficiente, eles procuram sangue, mas o jovem Chefe Guerreiro percebe que num confronto aberto, perderia contra os europeus. Apesar de ter uma grande vantagem em números, sabia que existia uma enorme diferença de poder de armamento entre os dois grupos. É neste momento que Kamehameha percebe que tem de melhorar a sua chance de vitória. Para o fazer, decide que tem de encontrar uma maneira de ter na sua posse algumas facas de metal, para ele e os seus homens poderem usar em batalha. Mesmo o combate sendo contra armas de fogo, facas de metal continuam a ser melhores que machados de pedra.

O plano do jovem *Koa* passa por, em vez de roubar as facas, fazer os britânicos simplesmente “entrega-las”. De forma a fazer isto acontecer, ele planeia trocar um robe cerimonial coberto de penas coloridas por 9 facas. Este tipo de trocas era bastante comum, pois estas facas eram facas de trabalho, usadas para variadas funções, desde trabalhos com madeira até trabalhos com corda. Assim sendo, Charles Clerke, braço direito de James Cook, não estranhou esta oferta, acabando por aceitá-la.

A segunda fase do plano de Kamehameha é uma missão furtiva, roubar um dos barcos mais importantes de Cook, o seu bote. Este pequeno barco era usado para fazer o reconhecimento das áreas próximas, para cartografar e também para a tripulação se poder deslocar desde o navio até à costa e vice-versa. Para isso, um dos guerreiros nativos vai, na noite de 13 de fevereiro de 1779, mergulhando até ao navio, para cortar a corda (usando uma das facas previamente trocadas com os ingleses) que prendia o bote. Na manhã de 14 de fevereiro, os ingleses veem a corda com um corte limpo, sinal de que tinha sido cortada com uma faca de metal, facas essas que só poderiam ser as que trocaram há pouco tempo, visto que não havia outra maneira de os havaianos as terem. O plano de provocar o Capitão Cook até este cometer um grave erro estratégico funcionou, pois Cook, consumido pela raiva de todas estas humilhações, decide raptar o Ali'i nui (Rei da Grande Ilha), apesar dos esforços de Clerke para o dissuadir.

O Rei da Grande Ilha não sabia de roubo nenhum, pois este foi feito sem o seu consentimento, enquanto estava a dormir e fica confuso com toda a situação. Isto é devido, em grande parte, à não existência de um completo entendimento dos dois idiomas por parte dos intervenientes. Cook tenta persuadir o Ali'i nui a ir com ele, e este aceita pensando tratar-se de uma oferta para visitar a embarcação europeia. Quando chegam à praia, o Rei começa a estranhar toda a situação e senta-se na areia como sinal de recusa. Cook finalmente cai em si e admite, para si próprio, que maltratar o homem de estatuto mais alto do Havai não foi das suas melhores ideias, decidindo recuar com o plano e voltar para o seu navio.

Quando o explorador está a ponto de voltar para o *Resolution*, é ouvido um disparo que ecoou desde o outro lado da Grande Ilha, e chega uma mensagem aos ouvidos do Rei que havia sido um britânico a alvejar um dos seus Chefes Guerreiros. A tensão entre as duas culturas atinge o ponto máximo e a altura por que *Kamehameha* tanto esperava, a altura em que poderia recuperar o seu *mana*, havia chegado.

No confronto, Cook sobrestimou a reação que os *Koa* teriam face às armas do mundo ocidental, sendo que estes não recuaram com medo das mesmas. Esta atitude de bravura só foi encorajada depois de Cook fazer um disparo à queimadura contra um nativo e não lhe provocando praticamente nenhum dano, devido a uma falha na arma, ou porque Cook talvez tenha carregado apenas um dos barris da arma.

Durante a luta, o explorador tenta fugir, acabando por tropeçar, e pede o auxílio dos restantes barcos que estavam perto da costa. Esta atitude é vista como um sinal de fraqueza pelos nativos que ainda têm dúvidas quanto à possibilidade de Cook ser, na verdade, Lono.

Quaisquer dúvidas foram eliminadas quando, depois de uma forte pancada, Cook começa a sangrar da cabeça, pois um Deus não sofreria desta maneira e não sangraria como o resto dos mortais. Depois disto os *Koa* esfaqueiam Cook repetidamente com as facas inglesas, chegando até a passar as mesmas para os restantes guerreiros que não possuíam facas, de modo a todos terem a oportunidade de participar na morte do culpado pela anterior perda de *mana*.

Ironicamente, a morte de Cook é o princípio do fim para os Guerreiros *Koa*. *Kamehameha* inicia a sua campanha para unificar todas as ilhas do Havai, confiando mais em armas de fogo ocidentais no que na força e na coragem da sua classe de guerreiros elite, sendo que em 1810 esta campanha é bem-sucedida. Com a unificação das ilhas e o conseqüente clima de paz, não existe necessidade de existência de toda uma classe de guerreiros.

A cultura havaiana começa a mudar, o intenso desejo e procura de *mana* vão sendo, aos poucos, substituídos pelo novo estilo de vida havaiano, o *Aloha*, que simboliza a paz, compaixão e misericórdia, acabando por eliminar completamente a orientação para a guerra da população do Havai.

## Essencialismo e Religião

Podemos dizer que o essencialismo se baseia no ato de reduzir um determinado grupo a uma característica. Isto é, a atribuição de uma característica a um ou mais indivíduos e generalizamo-la para todo um grupo. O essencialismo está, deste modo, relacionado com o conceito de estereótipo, que reduz os indivíduos a um conjunto de traços, ainda que estes sejam geralmente negativos. O essencialismo está também relacionado com o poder, pois os indivíduos sentem-se com poder necessário para fazer esse tipo de atribuições. Assim, o essencialismo é uma visão reducionista do indivíduo, pois escolhe ignorar as características individuais de uma pessoa para lhe atribuir as supostas características de um grupo.

No que diz respeito à religião havaiana, podemos verificar neste acontecimento da história, à semelhança do que aconteceu inúmeras vezes noutras situações, a presença de um profundo desinteresse por parte do povo europeu em aprender e compreender a cultura da sociedade que visitavam e/ou exploravam. Neste caso, os britânicos nem sequer consideraram a hipótese de que o facto de terem sido tão bem tratados como foram, estivesse relacionado com algum evento ou motivo religioso. Assim sendo, eles nem chegaram a saber que o motivo de tal comportamento era devido a encontrarem-se na época do *Makahiki* e que os nativos pensavam que Cook era, de facto, o Deus da paz Lono.

Comparando este encontro aos encontros estudados na Unidade curricular, neste caso os “visitantes” não tentaram inculcar a sua religião no povo nativo (ou, pelo menos, não existem registos de tal ter acontecido), ao contrário de Anna D’Almeida e Isabel Tamagnini, que achavam a sua religião a única correta. A construção de identidade social dos nativos não os preparou para serem tão “recetivos” às influências religiosas dos ingleses, visto não fazerem parte do império britânico. Desta forma, os “visitantes” não se sentem numa posição em que possam realmente convencer os nativos a aderir às suas crenças.

Os exploradores europeus simplesmente acharam que o tratamento recebido era o tratamento que eles, como óbvios seres superiores que eram, mereciam por parte destes “selvagens incivilizados”. Todos estes comportamentos revelam uma estrutura de pensamento completamente imperialista e essencialista por parte dos ingleses, ao assumirem que são superiores, e que serem tratados como deuses pelos nativos do Havai é o comportamento normal, não existe qualquer razão para o estranhar.

Nenhum dos marinheiros estranhou o comportamento dos nativos, chegando mesmo a aproveitarem-se da sua boa vontade, o que indica a presença desta estrutura de pensamento inculcada no seio da sua civilização.

Assim podemos observar que esta era a construção social de identidade da população da Inglaterra do Século XVIII, e diz que os ingleses são, sem qualquer dúvida, superiores aos “selvagens”, sendo esta uma verdade absoluta e indiscutível.

Se existiam dúvidas acerca da estrutura de pensamento imperialista e essencialista que os europeus mostraram na primeira visita, estas desaparecem quando, na segunda visita de Cook à ilha do Havai. Nesta visita, toda a tripulação esperava o mesmo tratamento que havia recebido na primeira visita, e não percebeu o porquê de isso não ter acontecido.

# Representação

Podemos verificar uma enorme diferença entre as representações de ambas as partes desta história. Mais uma vez, os britânicos demonstram um comportamento imperialista, típico de uma civilização de colonizadores como a Inglaterra do século XVIII.

Os ingleses olhavam para os havaianos como seres inferiores, “selvagens” que não representavam qualquer ameaça para o poderio britânico e achando-se merecedores do tratamento que recebiam dos nativos. Uma passagem do diário de bordo de Cook diz “Kamehameha, *a savage looking face as i ever saw*” e são também várias as passagens de diários de bordo do resto da tripulação em que admitiam estar a aproveitar-se destes “selvagens”, demonstrando outra vez a estrutura de pensamento essencialista e imperialista que tinham.

Podemos comparar estas representações com os casos práticos estudados durante as aulas de Estudos Interculturais, também Anna D’Almeida e Isabel Tamagnini, embora de formas diferentes, viam os povos nativos dos países que visitavam como “selvagens” e achavam-nos a eles e à sua cultura inferiores à sua. Esta estrutura de pensamento era novamente, absoluta e indiscutível, era um facto e não uma opinião, partilhada por todos os membros da sociedade em que estavam inseridos.

Pelo contrário, os guerreiros de elite do Havai viam os marinheiros europeus com cautela, questionando até se estes seriam uma ameaça para o seu modo de vida. No entanto, outros nativos olhavam para os europeus, especialmente para o Capitão Cook, como deuses, e tudo faziam para os agradar, pois achavam que este era o Deus Lono que havia regressado, o que era previsto na sua religião. Na segunda visita dos europeus à ilha do Havai, no entanto, os guerreiros viam-nos como os “intrusos” que lhes haviam roubado o *mana* e como a maneira de o recuperar, enquanto o resto dos nativos os viam com desconfiança. Ao contrário dos casos de Anna e de Isabel, aqui os guerreiros não se viam a si mesmos como inferiores nem eram tão submissos como os nativos que elas encontraram.

# Interculturalidade

“A interculturalidade tem lugar quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e sinérgica. Para tal, nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro que seja, favorecendo assim a integração e a convivência das pessoas. Este tipo de relações interculturais implica ter respeito pela diversidade; embora, por razões óbvias, o aparecimento de conflitos seja inevitável e imprevisível, podem ser resolvidos através do respeito, do diálogo e da assertividade.” Esta é uma definição de interculturalidade, se bem que, no mundo real, esta interculturalidade perfeita não existe, havendo sempre alguns conflitos, podendo ser mais ou menos graves. A descoberta do Havai pelo Império britânico não foi, de todo, perfeita, esta foi manchada por graves comportamentos de racismo, elitismo, etnocentrismo, essencialismo, imperialismo, etc., que levaram a resultados indesejados.

Comparando este encontro intercultural com os encontros que Anna e Isabel vivenciaram, podemos dizer que este é o único em que existe de facto, uma verdadeira interculturalidade, já que é o único em que o “protagonista” realmente convive com os membros da outra cultura. Nos outros casos, os “protagonistas” nunca abandonavam mesmo a segurança do império britânico/português, já no confronto cultural entre o povo do Havai e o império britânico não é assim, James Cook “mergulha” na cultura havaiana, desde as trocas comerciais que efetuou, chegando até a assistir a uma das suas lutas desportivas. Apesar de Cook, ao longo de toda a experiência, nunca deixar de se achar superior aos ditos “selvagens”, esteve no seu meio e vivenciou a sua cultura, o mesmo não se pode dizer quer seja de Anna ou de Isabel, que só experienciavam as culturas alheias quando em ambientes controlados.



# Tradução na Comunicação Intercultural

Não podemos falar da interculturalidade sem falar também no papel que a tradução tem nos processos de socialização intercultural, principalmente em confrontos culturais em que o idioma utilizado é diferente nas duas culturas.

No mundo atual, a crescente mobilidade e a interação transfronteiriça têm conduzido a uma cada vez maior diversidade cultural e linguística e à consequente procura de uma comunicação intercultural eficaz. A tradução tem um papel a desempenhar, não só ao assegurar a compreensão mútua entre as diferentes línguas e culturas, mas também no processo mais amplo de hibridização intercultural, que produz novos e diferentes tipos de identidade.

No século XVIII, esta procura por uma comunicação intercultural eficaz não era tão evidente, mas não era por isso que tinha menos importância. No confronto entre os povos nativos do Havai e o império britânico, esta comunicação eficaz poderia ter mudado todo o rumo da história. Um entendimento mútuo levaria os europeus a saberem a razão de serem tratados da maneira que foram, em ambas as visitas, no episódio final, em que Cook leva o Rei até à praia, o Rei teria percebido que a escolta de que foi alvo, não se tratava de uma simples visita ao navio europeu, etc.

A eficácia na comunicação intercultural poderia ter “salvo” a vida de Cook e, talvez, ter mudado o rumo de toda a história, no entanto, não podemos saber se esta mudança seria para melhor ou para pior.

# Aculturação

A aculturação é um processo que implica a receção e a assimilação de elementos culturais de um grupo cultural por parte de outro. Desta forma, uma determinada sociedade adquire uma nova cultura ou certos aspetos da mesma, habitualmente em detrimento da própria cultura e de forma involuntária. A colonização costuma ser a causa externa de aculturação mais comum.

Os processos de aculturação têm diferentes níveis de destruição, sobrevivência, domínio, resistência, modificação e adaptação das culturas nativas perante o contacto intercultural. Esta dinâmica supõe a interiorização, a valorização e a identificação dos valores culturais.

No confronto intercultural descrito neste relatório, podemos notar o processo de aculturação quando, no final, o Chefe Guerreiro Kamehameha escolhe depender mais de armas de fogo ocidentais do que na força física dos seus guerreiros de forma a realizar a sua campanha militar para unificar as ilhas do Havai. Isto é uma coisa que parecia impossível, no início da história, para uma pessoa com crenças e raízes culturais tão fortes como ele.

Devido a essa “mutação” da cultura, Kamehameha consegue ter sucesso na sua campanha e, através de um efeito “bola de neve”, a cultura havaiana continua a mudar. A cultura evoluiu, indo desde o extremo de ser uma civilização completamente dedicada à guerra e à conquista de *mana*, até ser uma civilização dedicada à paz e à misericórdia, com o espírito de vida “*Aloha*”.

## Conclusão

Neste relatório foi abordado o confronto intercultural entre a população havaiana e exploradores ao serviço do império britânico, referenciando alguns conteúdos programáticos da unidade curricular de Estudos Interculturais, lecionada no ISCAP. O objetivo do mesmo foi analisar os acontecimentos passados aquando da sua ocorrência, e proceder à comparação entre estes casos práticos e a teoria aprendida no decorrer do ano letivo.

Ao longo do trabalho aprendi mais sobre uma história que já conhecia anteriormente e, ao mesmo tempo, consegui agora entender melhor os processos que decorriam enquanto a história se desenrolava. Para além de entender melhor estes processos, também percebi que consigo agora compreender as implicações que estes têm nas vidas dos intervenientes e no sucesso ou insucesso das comunicações interculturais. Todas estas capacidades adquiridas na realização deste trabalho vão ajudar-me a compreender e melhor categorizar as ações dos diferentes “atores” nos processos de comunicação.

Podemos pensar que os exploradores britânicos foram os “maus” desta história, mas, no meu ponto de vista, aqui não existe um lado mau nem um lado bom. De certa forma, os ingleses foram também vítimas, mas da construção social de identidade da Inglaterra do século XVIII, que dizia que a estrutura de pensamento que eles demonstraram, era a única estrutura correta. Também os nativos apresentaram características consideradas feias na cultura atual do século XXI, tal como provocar, roubar e matar os ingleses. Toda esta categorização do “mau”, “bom” e “normal” é relativa, e os atos que hoje inserimos em cada uma destas categorias podem, no futuro, ser vistos de forma bastante diferente.

# Bibliografia

Ancient Black Ops Direção: World Media Rights Productions, Reino Unido, 2014. 49 min.

Conquest of Hawaii Direção: Steve Kroopnick. Marc Etkind, History Channel, Hawaii, EUA, 2003. 91 min.

<http://alohavalley.com/koa-ancient-hawaiian-warriors/>

<http://canalhistoria.pt/programacion/programa/black-ops-da-antiguidade-guerreiros-havaianos-koa/>

<http://necromoprhvsfellowship.blogspot.pt/2011/03/hawaiian-koa.html>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/23800/hoje+na+historia+1770+-+o+navegador+ingles+james+cook+descobre+o+territorio+da+australia.shtml>

<http://www.captaincooksociety.com/home/detail/225-years-ago-january-march-1774>

<http://www.coffeetimes.com/cook.htm>

<http://www.history.com/this-day-in-history/cook-discovers-hawaii>

<http://www.legendsandchronicles.com/ancient-warriors/hawaiian-warriors/>

<https://educacao.uol.com.br/biografias/james-cook.htm>

[https://en.wikipedia.org/wiki/First\\_voyage\\_of\\_James\\_Cook](https://en.wikipedia.org/wiki/First_voyage_of_James_Cook)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Second\\_voyage\\_of\\_James\\_Cook](https://en.wikipedia.org/wiki/Second_voyage_of_James_Cook)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Third\\_voyage\\_of\\_James\\_Cook](https://en.wikipedia.org/wiki/Third_voyage_of_James_Cook)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Kamehameha\\_I](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kamehameha_I)

<https://www.nps.gov/puhe/learn/historyculture/kamehameha.htm>

Outras ferramentas utilizadas:

<http://sinonimos.woxikon.pt/>

<http://www.conceito.de>

<http://www.priberam.pt/>